

ATIVIDADE NONO ANO/ PROF MARCO SOARES/LPT

ESCOLA _____ DATA: ____/____/____

PROF: _____ TURMA: _____

NOME: _____

Leia o trecho a seguir.

"Quando o sol já estava tinindo de forte, colocávamos a roupa para quorar, **ou seja**, as roupas ficavam estendidas sobre o capim, para amolecer o sujo, mas, desviávamos nossa atenção para a fumaça dos troncos de embaúba, que nossa mãe utilizava para fazer fogo, anunciando que o almoço estava pronto. E à tardinha, era hora de ajudar meu pai a colher mandioca num grande roçado que fi cava no fundo da nossa casa."

Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

1.A expressão em destaque no texto é utilizada com o objetivo de

- a) situar onde as ações ocorrem.
- b) explicar o que é a ação de quorar.
- c) concluir a ideia da oração anterior.
- d) tornar o texto mais argumentativo.
- e) contrapor a primeira e a segunda orações.

2. Observe o meme a seguir e responda ao que se pede.



Disponível em: <<http://geradormemes.com/meme/rj0ggy>>.

Nesse meme, o efeito de humor de dá

- a) pelo jogo de linguagem com o sobrenome Portioli (por ti, olhe).
- b) pela composição da linguagem verbal com a linguagem visual.
- c) pela súplica ao apresentador Celso Portioli para que olhe por alguém.
- d) pelo fato de a imagem mostrar o apresentador Celso Portioli chorando.
- e) pela contradição, pois poderia pedir também a Deus para olhar por alguém.



3. O efeito humorístico, no texto anterior, está

- a) na tentativa de a criança explicar sua real intenção comunicativa.
- b) na ambiguidade de sentido gerada pelo emprego da forma verbal **vendo**.
- c) no interesse do adulto em “comprar o pôr do Sol”, após ler a placa do garoto.
- d) no convite feito pela criança para que o adulto aprecie o pôr do sol.

A astronomia dos índios brasileiros

Antigamente não havia calendários, relógios ou satélites de previsão meteorológica. Isso levanta algumas questões. Como os povos antigos sabiam qual a época certa para o plantio ou se a maré estaria alta ou baixa?

A resposta é: olhando o céu.

A observação do céu está na base da cultura de todos os povos antigos. O céu seria a morada de divindades e espíritos que controlariam as forças da natureza. Por meio da observação da posição dos astros, essas civilizações previam eventos climáticos, marcavam a passagem de tempo e se localizavam.

Os indígenas americanos – inclusive os brasileiros – não eram diferentes: contemplavam o céu imaginando desenhos e os associavam a lendas e divindades. Para eles, a Terra é um reflexo imperfeito de tudo que há no céu. Baseavam o cultivo e a colheita e épocas de caça e pesca na posição dos astros prevendo, por exemplo, se o tempo estaria mais chuvoso ou mais seco.

O professor aposentado da UFPR, Germano Bruno Afonso, descendente de indígenas, dedica-se aos estudos da astronomia dos indígenas brasileiros. Em 2000, ganhou o Prêmio Jabuti (o prêmio mais importante da literatura brasileira) com o livro “O Céu dos Índios Tembé”. Seus trabalhos começam no primeiro registro da astronomia dos índios brasileiros, datado de 1614: o livro “Historie de la mission des pères capucins en l'isle de Maragnan et terres circonvoisines” (História da missão dos padres capuchinhos na ilha de

Maranhão e terras circunvizinhas), do missionário capuchinho francês Claude d'Abbeville, que passou quatro meses entre os índios tupinambá do Maranhão em 1612. D'Abbeville registrou o nome de cerca de 30 estrelas, apesar de identificar apenas algumas. Germano, com base no livro de d'Abbeville, pôde constatar que, a despeito da enorme distância, diferença linguística e temporal (cerca de 400 anos), o sistema astronômico dos índios do norte e do sul tem grandes semelhanças.



Ao contrário dos demais povos, os índios formavam desenhos no céu utilizando não só as estrelas, mas qualquer mancha visível (galáxias ou nebulosas). Além disso, suas constelações estão quase todas situadas na região da Via Láctea – aquela mancha esbranquiçada observada à noite no céu, que se trata da porção visível da nossa galáxia. Essa mancha esbranquiçada os índios chamavam Tapi'i rapé – Caminho da Anta. Duas constelações muito conhecidas pelos extintos tupinambás do norte e pelos tupis-guaranis do sul são o Homem Velho e a Ema.

O Homem Velho representa para os indígenas o tempo bom, de fartura, que seria o verão para os índios do sul e a estação das chuvas para os índios do norte. Conta a lenda que um ancião muito bom da tribo teve sua perna cortada por sua esposa que estava interessada em seu irmão e que poderia casar-se com ele quando seu esposo morresse. Como ele era bondoso, os deuses se compadeceram e o colocaram no céu.



A Ema representa, para os índios do sul, o início do inverno e para os do norte a estação da seca, um tempo ruim, de escassez de alimento. Dizem os indígenas que as duas

estrelas no pescoço da ema são ovos que ela acabou de comer e que ela quer comer as duas estrelas que estão à frente de seu bico. O cruzeiro do sul estaria segurando a cabeça da ema que, caso fosse solta, tomaria toda a água do mundo.



Disponível em: <http://parquedaciencia.blogspot.com/2013/08/a-astronomia-dos-indios-brasileiros.html>. Acesso em: 1 jul. 2018.

4. A partir da leitura do texto, pode-se reconhecê-lo como um texto de divulgação científica, cujo principal objetivo é.

- a) expor fatos que comprovam o conhecimento astronômico dos indígenas.
- b) defender uma opinião sobre o conhecimento astronômico dos índios brasileiros.
- c) descrever as constelações descobertas pelos índios brasileiros e suas implicações no clima.
- d) relatar acontecimentos ocorridos com índios que descobriram a astronomia através de indícios da natureza.
- e) orientar o leitor sobre formas de se fazer previsões meteorológicas com base nos conhecimentos adquiridos pelos indígenas.

Prestes a lançar CD, IZA fala sobre aceitação: “Incomodava a minha cor, o meu cabelo, as minhas formas”

Você tem trazido a temática do amor próprio e do empoderamento para sua música, como em *Quem Sabe Sou Eu*. Como é ser inspiração para outras mulheres?

É muito bacana. Lembro a menina que fui e sei como é importante me ver nos lugares e me sentir representada. É ter uma mulher forte me dizendo todos os dias que eu posso e que quem sabe sou eu. Me sinto muito lisonjeada de estar nesta posição. [...]

Neste mês, comemoramos o Dia da Consciência Negra. Como você vê a situação da mulher negra?

O que segue na minha lista é conquistar cada vez mais oportunidades para as mulheres negras. A luta feminista é muito diferente da luta das mulheres negras porque são prioridades diferentes. São histórias diferentes, são vidas diferentes. Muito se tem conquistado, mas muito falta conquistar não só em prol da mulher, mas principalmente da mulher negra. Somos, sim, a população que mais sofre com homicídios, com preconceito, racismo e machismo. Cada vez mais, o que eu quero é conseguir oportunidades para que todas essas mulheres tenham um lugar de protagonismo também. [...]

Você já contou que nem sempre foi bem resolvida com sua aparência. O que incomodava?

Incomodava a minha cor, o meu cabelo, as minhas formas. Hoje, entendo que tudo isso é muito lindo, sabe? Foi uma longa caminhada até entender que eu não precisava da aprovação da sociedade para me sentir bonita, desejada ou poderosa.

Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br>>. Acesso em: 23 jul. 2018. (fragmento)

A estrutura do texto anterior permite relacioná-lo ao gênero

- a)editorial.
- b)entrevista.
- c)notícia.
- d)propaganda.